

# Telegramas e “fala telegráfica”

**Lou-Ann Kleppa**

Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho, Rondônia, Brasil

kleppa@unir.br

<http://orcid.org/0000-0003-0317-9440>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v47i2.1936>

## Resumo

O objetivo deste estudo é criar um paralelo com Tesak e Dittmann (1991), comprovando que telegramas apresentam uma estrutura própria que não pode ser diretamente comparada com a estrutura da fala de sujeitos afásicos com agramatismo. Foram analisados 70 telegramas obtidos através de um experimento e 76 enunciados de um sujeito afásico com agramatismo, coletados numa situação de conversa informal. Neste estudo, são feitas quatro principais diferenciações entre os dois registros: eles diferem no tocante (i) às razões para a emergência do estilo telegráfico e da fala agramática, (ii) ao volume de material linguístico, (iii) à finitude dos verbos empregados e (iv) à ordem das palavras. A fala agramática é examinada a partir da Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva e da Teoria da Adaptação.

**Palavras-chave:** agramatismo; telegramas; estilo reduzido.

## Telegrams and ‘telegraphic speech’

### Abstract

The aim of this study is to replicate an experiment with telegrams proposed by Tesak e Dittmann (1991) thus proving that telegrams are organized according to different rules than the ones observed in the speech of agrammatic subjects. 70 telegrams were contrasted with 76 incomplete utterances produced by one agrammatic subject in an informal conversation situation. The present study makes four major distinctions between telegrams and agrammatic speech: they differ in regard to (i) the reasons for the emergence of the telegraphic style and the agrammatic speech, (ii) the amount of linguistic material; (iii) verb finiteness and (iv) word order. Agrammatic speech is analysed here within the framework of Neurolinguistics from an enunciative-discursive perspective and Adaptation Theory.

**Keywords:** agrammatism; telegrams; reduced style.

## Introdução

É comum que se encontre, na literatura sobre afasias, a designação “fala telegráfica” para caracterizar a fala não fluente de sujeitos afásicos com agramatismo (a afasia é decorrente de lesão cerebral: acidente vascular cerebral (AVC), traumatismo craniano, tumor etc.). Até onde sabemos, não há estudos publicados em português cujo foco seja a comparação entre telegramas e o que se chama, em Neurolinguística, de “estilo telegráfico”, para verificar se a metáfora do telegrama é realmente pertinente para a caracterização da fala do sujeito afásico com agramatismo.

O propósito deste estudo é replicar, na medida do possível, o experimento desenvolvido por Tesak e Dittmann (1991) em que telegramas são coletados, analisados e contrastados com a fala agramática. Objetivamos desconstruir a metáfora do telegrama em

língua portuguesa e sugerir, em seu lugar, o termo “fala reduzida”, já que entendemos que autores de telegramas deliberadamente cortam unidades dos enunciados produzidos por escrito, ao passo que sujeitos com agramatismo têm sua sintaxe modificada pela afasia. Cabe a cada teoria explicar como a sintaxe do sujeito agramático é afetada pela afasia, e para este estudo lançamos mão da Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva e da Teoria da Adaptação (apresentadas na seção seguinte).

Tesak e Dittmann (1991) apontam para pesquisas publicadas em francês (TISSOT et al., 1973 *apud* TESAK; DITTMANN 1991 e NESPOULOUS, 1973 *apud* TESAK; DITTMANN, 1991) que evidenciam a impossibilidade de se comparar diretamente os dois registros. As conclusões de Tesak e Dittmann (1991) baseiam-se na observação de que a economia de palavras é evidente nos telegramas, ao passo que, na fala agramática, as repetições, reformulações, construções desviantes e tentativas de formular sentenças completas não podem ser caracterizadas como economia. Além disso, os telegramas são escritos, não orais; e o tempo de produção dos telegramas (e a pressão para executar a tarefa) é diferente do tempo (e da pressão) para falar com um interlocutor face a face, portanto, mecanismos diferentes de produção entram em jogo. Os objetivos comunicacionais dos telegramas (pedidos, avisos) são completamente diferentes daqueles envolvidos em conversas espontâneas.

As observações de Tesak e Dittmann (1991) são metodologicamente ancoradas na Teoria da Adaptação e apontam para similaridades pontuais entre os dois estilos, mas, no geral, para a impossibilidade de se manter a metáfora do “estilo telegráfico” para descrever a fala do sujeito com agramatismo, com base na observação do comportamento de (i) nomes isolados e sintagmas nominais (doravante SN) isolados, introduzidos por determinante (doravante DET) presentes na fala agramática e ausentes nos telegramas; (ii) uso recorrente de conectivos ligando SNs isolados na fala agramática, mas não nos telegramas; (iii) preenchimento do pronome reto de primeira pessoa do singular e adjetivos diretamente ligados ao pronome (presentes na fala agramática e ausentes nos telegramas); (iv) nas sentenças com verbos flexionados produzidas por sujeitos agramáticos, foi observado que o alvo era a frase completa, não a frase elíptica, enquanto nos telegramas as orações com verbos flexionados são elípticas; (v) nos telegramas, os verbos não finitos são muito mais recorrentes do que na fala agramática; (vi) omissões e substituições são observadas na fala agramática, enquanto nos telegramas são observadas apenas omissões.

No presente artigo, a quantidade de elementos linguísticos por telegrama/enunciado, a finitude do verbo e a ordem das palavras são analisadas em telegramas coletados em situação de experimento e na fala espontânea de um sujeito com agramatismo. Diferentemente de Tesak e Dittmann (1991), que analisaram o comportamento de palavras (artigos, preposições, conectores, pronomes e nomes) nos dados, aqui procuramos diferenciar os telegramas da fala agramática através da ordem das palavras, porque parece que este aspecto da fala agramática (ao menos em português: as construções de tópico-comentário), tem sido pouco estudado. Por fim, diferentemente de Tesak e Dittmann (1991), não reconstruiremos a fala agramática nem os telegramas para contabilizar omissões ou substituições, porque entendemos que este método é pouco consistente com a Neurolinguística de perspectiva enunciativo-discursiva e com a filosofia da Teoria da Adaptação.

## Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva e Teoria da Adaptação

Este estudo ancora-se na Neurolinguística de perspectiva enunciativo-discursiva (como desenvolvida, entre outros, em COUDRY, 2002, COUDRY et al., 2010, MORATO, 2002, 2010 e NOVAES PINTO, 1992, 2004, 2012). A abordagem adotada aqui diferencia-se dos modelos correntes de afasia num aspecto fundamental: não toma a linguagem do sujeito afásico como evidência de (in)competência linguística, nem como objeto de conhecimento. Neste sentido, não especulamos sobre o material linguístico que falta, mas analisamos o que de fato foi dito pelo sujeito com afasia.

Entendemos que, para detectar as dificuldades linguísticas de sujeitos afásicos, é preciso privilegiar a análise de contextos de comunicação verbal em que estejam envolvidos. Há, nesta abordagem, uma aposta no sujeito ativo, responsivo (BAKHTIN, 1997) que se relaciona com a sua língua e seu distúrbio linguístico. Nesse sentido, acreditamos ser possível trazer a Teoria da Adaptação para a Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva. Se compreendemos a afasia como uma questão social (além de linguística, cognitiva e de saúde), faz sentido que apostemos numa teoria que postula que a linguagem do sujeito afásico se caracteriza através da interação com o outro: é resultante de uma adaptação ao tempo do diálogo. Entendemos que as duas abordagens não são completamente congruentes, mas há pontos de convergência possíveis, de modo que, a nosso ver, a Teoria da Adaptação pode iluminar processos específicos do agramatismo.

A Teoria da Adaptação foi desenvolvida por Kolk e colegas desde 1985. Esta teoria não analisa a fala agramática como sintoma direto da lesão cerebral (ver HEESCHEN; KOLK, 1988a, b; KOLK; HEESCHEN, 1990), mas como resultado de uma estratégia de adaptar a sua fala à situação comunicativa. O problema do distúrbio linguístico do sujeito agramático foi formulado através da hipótese da janela temporal (*Temporal Window Hypothesis*). Os trabalhos de Haarmann e Kolk (1991) e Kolk (1995) focam no distúrbio temporal de processamento, que basicamente consiste numa limitação de capacidade para preencher simultaneamente os espaços sintáticos de uma oração. A capacidade de processar a língua a ser produzida é afetada de tal maneira que a informação ou é ativada tardiamente ou decai antes de ser encadeada com outras informações que possam fazer emergir uma fala inteligível para o interlocutor.

Para a Teoria da Adaptação, a fala agramática é o resultado de uma estratégia para evitar uma sobrecarga computacional, portanto, estruturas simplificadas são planejadas. Sendo assim, o problema linguístico do sujeito afásico com agramatismo não é a dissolução da linguagem, mas o tempo de processamento da linguagem. No âmbito da Teoria da Adaptação, o agramatismo é definido como “fala ‘telegráfica/elíptica’ em tempo de fala maior que o normal”. Isso não significa que toda a fala de sujeitos com agramatismo seja reduzida. Há sentenças completas (com verbo conjugado) em meio a sentenças reduzidas (*nonfinite nonsentential*).

Apesar de o conceito de estilo telegráfico envolver apagamento de palavras, no âmbito da Teoria da Adaptação, não se acredita que haja planejamento e depois apagamento de palavras, mas que o planejamento já se dê de forma simplificada, devido à reduzida habilidade cognitiva do sujeito com agramatismo para lidar com operações sintáticas simultâneas.

Pelo fato de a Teoria da Adaptação e seus adeptos trabalharem com a aplicação de testes padronizados, contarem omissões e substituições na fala agramática e lidarem com elipses e “fala telegráfica” de uma maneira meramente descritiva e pouco crítica, acreditamos que seja necessário explicitar os limites da adoção da Teoria da Adaptação neste trabalho. Adotamos a Teoria da Adaptação porque oferece uma visão do sujeito afásico enquanto sujeito ativo, que adapta a sua fala à situação de fala, relaciona sua fala agramática ao tempo de fala e prevê uma sintaxe reduzida. Como o presente artigo visa problematizar o uso do termo “fala telegráfica” para descrever a fala agramática, doravante adotaremos “fala reduzida”.

## **Materiais e procedimentos**

### **O experimento**

Como já mencionado, os telegramas analisados aqui foram produzidos num experimento similar ao que foi proposto por Tesak e Dittman (1991), quando propuseram a 100 sujeitos alemães que escrevessem telegramas fictícios de acordo com cinco situações diferentes. Tesak e Dittmann (1991) trabalharam com um *corpus* de 500 telegramas, ou seja, todos que foram produzidos durante o experimento. A pressuposição básica é que o conceito de telegrama seja familiar às pessoas que participaram do experimento, mesmo que nunca tenham recebido ou enviado telegramas reais. O “estilo telegráfico” está em questão, não o telegrama: “O estilo telegráfico é adquirido durante o período de aquisição da escrita, evidentemente independente da necessidade de se escrever telegramas reais, já que a maioria dos sujeitos que participaram do experimento nunca tinham escrito telegramas em suas vidas.” (TESAK; DITTMANN, 1991, p. 1124, tradução nossa<sup>1</sup>). Ressaltamos que os sujeitos que participaram do experimento de Tesak e Dittmann eram bastante homogêneos em termos de idade, classe social e grau de escolaridade, ao passo que os sujeitos afásicos cujos dados foram analisados não formavam um grupo homogêneo.

Para o presente estudo, foram enviadas (via *e-mail*) três situações (ou 1-3 ou 4-6, ver abaixo) a cada sujeito que voluntariamente participou do experimento, para cada uma das quais foi solicitado que escrevesse um telegrama. Não é sabido quanto tempo os sujeitos precisaram para escrever os telegramas (ainda recebemos telegramas um mês depois de enviadas as situações). Não houve controle de idade, classe social ou grau de escolaridade entre os sujeitos que participaram do experimento. As situações oferecidas aos sujeitos que participaram do experimento foram:

- (01) Você adoeceu na véspera da sua apresentação num congresso e avisa que não comparecerá ao evento. Pergunte se aceitam que você entregue o seu texto na semana seguinte.
- (02) Você foi visitar uma tia numa cidade distante. Na volta, o seu carro quebrou no meio do caminho e você se encontra no hotel Palace, em Vargem Grande. Peça aos seus familiares que venham lhe buscar e avise que a sua tia prometeu que não vai deixar a herança para a igreja.

---

<sup>1</sup> Telegram style is acquired during written language acquisition evidently independent of the necessity of writing real telegrams, since most subjects in the present study had never written real telegrams in their lives.

(03) Você não conseguirá sair do trabalho a tempo e pede a um amigo que busque o seu pai no terminal de ônibus às 21h e lhe entregue as chaves da casa que estão dentro do vaso de samambaia ao lado da porta de entrada da casa.

(04) Você estava voltando da Bolívia com algumas folhas de coca na mochila e foi preso na fronteira por tráfico de entorpecentes. Peça para um amigo vender o seu Fusca para o João e pagar a sua fiança com o dinheiro.

(05) Você estava querendo voltar para a sua casa, mas o seu voo foi cancelado por motivo de ameaça de bomba e você não sabe quando poderá deixar o aeroporto de Curitiba. Avise na sua casa que sua/seu namorada/o virá à sua casa hoje de noite para pegar o seu carro emprestado.

(06) Você tem dois ingressos para o Cirque du Soleil para o Dia das Crianças, às 21:00 e está impossibilitado de ir. Escreva na véspera para a sua empresa, oferecendo os ingressos a preço de custo.

29 sujeitos responderam às situações 1 a 3, enquanto 21 sujeitos escreveram telegramas de acordo com as situações 4 a 6. No total, 150 telegramas foram recebidos, sendo que apenas 70 foram considerados neste estudo; porque apenas estes 70 têm o comprimento de uma linha (quando escritos em Times New Roman, fonte 12) e contêm uma ou mais *sentenças reduzidas*.

### **Entrevista com um sujeito agramático**

MS (60 anos quando entrevistado), vítima de uma lesão frontal, apresenta fala agramática segundo a definição dada pela Teoria da Adaptação. MS foi gravado numa situação de conversa espontânea com a autora deste artigo em março de 2006, nas dependências do Centro de Convivência de Afásicos da Unicamp (CCA) quatro anos após o derrame. Esta foi a primeira interação entre o sujeito afásico e a autora. O tempo de gravação da conversa é de 59 minutos, e os assuntos da conversa foram variados: os últimos filmes que MS tinha visto no cinema, os lugares do mundo que conheceu, os empregos e as esposas que teve antes da lesão cerebral. MS assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e participava das atividades do CCA havia dois anos.

Para possibilitar ao leitor que imagine a situação em que MS conversa com as interlocutoras (investigadoras LK e RN), transcrevemos os episódios de fala em que os dados que interessam a este estudo estão inseridos. Além disso, alguns sinais especiais são usados: as setas ‘↑’, ‘→’ e ‘↓’ indicam entonação ascendente, igual e decrescente. As pausas de MS são marcadas em segundos e alongamentos de vogais são marcados por ‘::’. Diferentemente do que se deu nos telegramas, podemos contar o tempo que MS precisou para encontrar e articular as palavras e quantos turnos lhe foram assaltados por suas interlocutoras. Analisamos 76 enunciados de MS que contêm fala reduzida.

### **Quantificando unidades nos telegramas e na fala agramática**

Uma primeira diferenciação feita entre os telegramas e a fala agramática examinados neste artigo é puramente quantitativa. Seguindo o método proposto em Tesak e Dittmann (1991), os 70 telegramas são subdivididos em unidades menores, as *T-phrases* (frases nos telegramas), e as palavras por telegrama e por *T-phrase* são contadas. Da mesma maneira, os 76 enunciados de MS são subdivididos em *A-phrases* (frases na fala afásica) e as palavras por enunciado e por *A-phrase* são contadas.

## Unidades nos telegramas

Tesak e Dittmann (1991) apoiam-se na unidade denominada *T-phrase* – que não é um conceito rigorosamente definido, mas serve como unidade de análise. O que delimita uma *T-phrase* são os sinais de pontuação utilizados pelos sujeitos, tais como ponto final, dois pontos ou vírgula, grafados como ‘.’, ‘:’, ‘,’ ou ‘(vg)’ e ‘(pt)’. Com o intuito de trabalhar com unidades de tamanho relativamente homogêneo, decidimos que *T-phrases* são tanto as unidades compreendidas entre os sinais de pontuação empregados pelo/a autor/a do telegrama, como unidades que tenham como núcleo um verbo (finito ou não) e corresponderiam, na fala normal, a uma oração (principal, coordenada ou subordinada). Os 70 telegramas foram subdivididos em 204 *T-phrases*.

Em contrapartida, o que delimita uma *A-phrase* é a noção de enunciado. Segundo Bakhtin (1997, p. 299), que trabalha com uma concepção dialógica, a fronteira do enunciado é delimitada pela fala do outro:

O acabamento do enunciado é de certo modo a alternância dos sujeitos falantes vista do interior; essa alternância ocorre precisamente porque o locutor disse (ou escreveu) *tudo* o que queria dizer num preciso momento e em condições precisas. Ao ouvir ou ao ler, sentimos claramente o fim de um enunciado, como se ouvíssemos o “*dixi*” conclusivo do locutor. É um acabamento totalmente específico e que pode ser determinado por meio de critérios particulares.

Quando as palavras foram contadas, os símbolos (20 no total) usados pelos sujeitos que participaram do experimento foram contados como palavras. Alguns desses símbolos são, por exemplo, \$\$\$, 21:00, 21h ou 12/10. Outra observação é que nomes próprios não foram contados como uma única unidade. Assim, *Cirque du Soleil*, por exemplo, é composto por três palavras.

Os valores obtidos estão dispostos na Tabela 1. A maioria dos telegramas conta com uma média de dez palavras (Ex: *Eu preso fronteira Bolívia. Vender meu Fusca João. Pague fiança*). Os telegramas com 12 a 15 palavras são longos devido à recursividade da língua, proporcionada pela adição de adjuntos de modo, espaço e tempo (Ex: *Presa trabalho. Favor buscar 21h terminal. Chave casa samambaia porta principal*). A grande maioria dos telegramas é composta por duas a três *T-phrases*, sendo que a média de palavras por *T-phrase* é três. Observando a Tabela 1, notamos que a grande maioria dos enunciados de MS é composta por duas a três palavras (Ex: *Heloisa, Maravilha!* ou *Eu dificuldade. Chega!*) e que a imensa maioria de seus enunciados é composto por uma *A-phrase* (Ex: *Eu AVC*).

**Tabela 1. Unidades linguísticas nos telegramas e enunciados do falante agramático**

Número de palavras/phrases	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	Total
<b>Palavras</b> em 70 telegramas				1	1	1	3	8	12	14	13	6	3	6	2	716
<b>Palavras</b> em 76 enunciados	1	24	22	14	6	6	1			2						264
<b>T-phrases</b> em 70 telegramas	3	18	36	9	3	1										204
<b>A-phrases</b> em 76 enunciados	59	15	2													95
<b>Palavras</b> em 204 T-phrases	25	47	42	33	29	15	8	1	1	2	1					716
<b>Palavras</b> em 95 A-phrases	8	31	24	17	6	4										264

## Unidades na fala agramática

Na fala, as pausas (marcadas aqui em segundos) e curvas entonacionais (grafadas aqui como setas) marcam o fim de uma oração e a fala do interlocutor marca o fim de um enunciado. Uma dificuldade, no entanto, é apresentada pela ordem das palavras: MS formula estruturas de tópico-comentário (que preveem uma separação formal entre o tópico e o comentário) com maior frequência que estruturas em ordem canônica (Sujeito Verbo Objeto + Adjuntos, doravante SVO + Adjuntos). Trataremos detidamente dessa ordem mais adiante.

No geral, percebemos que o sujeito afásico com agramatismo produz um volume menor de linguagem que os autores dos telegramas. Contudo, o número de palavras por *T*- ou *A-phrase* é semelhante, e sua organização será o foco das seções seguintes.

## Finitude do verbo nos telegramas e fala agramática

Numa concepção de sintaxe que lida com sentenças completas, o verbo conjugado é tido como o núcleo da oração. Os dados com que lidamos neste artigo não formam sentenças completas (são *nonsententials*), porque estamos diante de sentenças não finitas (*nonfinite*) em que ou (i) não há verbos ou (ii) não há marcas de finitude nos verbos. Neste sentido, tanto os telegramas como a fala agramática são incompletos, simplificados ou ainda reduzidos.

Contrastando os verbos encontrados nas *T-phrases* com as *A-phrases*, na Tabela 2, podemos observar que, enquanto nos telegramas a preferência (40%) é pelos verbos não flexionados (e depois pelos verbos flexionados – 38%, seguido de sentenças sem verbos – 22%), outras tendências são observadas na fala de MS, que produz 54% de sintagmas sem verbos (e em segundo lugar sintagmas com verbos finitos, assim como no caso dos telegramas, com frequência comparável – 41%) e apenas 5% de verbos não finitos.

No geral, o uso de verbos não finitos caracteriza o “estilo telegráfico” em português, alemão (ver TESAK; DITTMANN, 1991) e holandês (ver TESAK; NIEMI, 1997; HOFSTEDE, 1992). A fala agramática, contudo, não é caracterizada pelo uso excessivo de verbos não finitos em alemão (ver TESAK; DITTMANN, 1991; TESAK; NIEMI, 1997; STARK; DRESSLER, 1990) ou português, como vimos – mas pela ausência de verbos. Este é um dos motivos pelos quais Tesak e Dittmann (1991) concluem que a fala agramática não pode ser caracterizada como *telegráfica*.

**Tabela 2. Verbos nas T-phrases e A-phrases**

Verbos nas T-phrases				
Finitos	Modal+ inf. 9 (4%)	Aux.+part 5 (2%)	Pleno 57 (28%)	Cópula (ser/estar) 7 (4%)
Não finitos	Imperativo 27 (13%)	Infinitivo 29 (14%)	Particípio 24 (12%)	Gerúndio 2 (1%)
Sem verbo	46 (22%)			
Verbos nas A-phrases				
Finitos	Modal+inf 5 (5%)	Aux.+inf 2 (2%)	Pleno 26 (27%)	Aux./modal 6 (6%)
Não finitos	Imperativo -	Infinitivo 3 (3%)	Particípio -	Gerúndio 2 (2%)
Sem verbo	51 (54%)			

Para ilustrar as categorias propostas na tabela acima, apresentamos exemplos:

**T-phrases**

**Finitos:**

- (07) Modal + inf. *Posso entregar texto próxima semana?*  
 (08) Aux. + part. *Estou preso na fronteira.*  
 (09) Pleno *Faltarei congresso*  
 (10) Cópula *É possível envio texto na próxima semana?*

**Não finitos:**

- (11) Imperativo *Venda Fusca João*  
 (12) Infinitivo *Vender Fusca João*  
 (13) Particípio *Impedido viagem doença*  
 (14) Gerúndio *Voltando Bolívia*  
 (15) **Sem verbo:** *Dois ingressos Cirque Soleil amanhã 21h*

**A-phrases**

**Finitos:**

- (16) Modal + inf. (Ilk leu uma carta que MS tinha escrito ao gerente do cinema que ele frequentava. Na carta, explicava que era afásico, participava de um grupo de afásicos e gostaria de convidar todos os participantes para uma sessão gratuita)  
 Ilk: *sem pagar?*  
 MS: *isso, isso*  
 Ilk: *A:::h*

- MS: *(abre o braço, num gesto largo) Po::de entrar↓*  
 Irn: *então conta pra ela da semana passada, o que que aconteceu.*
- (17) Aux. + inf. *Vou nadar↓* (ver exemplo (35))
- (18) Pleno MS: *Eu estive em qualquer lugar*  
 Ilk: *Todos os lugares*  
 MS: *É. Ó. Fra:::nça↑ amei↓*
- (19) Aux./ Modal (MS está enumerando os lugares do mundo que conheceu quando trabalhou para a BBC)  
 MS: *China↑ não↓ ... Não podia.*  
 Ilk: *não podia entrar na China porque a China era comunista?*
- Não finitos:**
- (20) Infinitivo (MS tinha contado dos países que conheceu)  
 MS: *Desvendar muito* (faz um gesto largo e sinal de OK)  
 Ilk: *mh, hm. Qual o jeito que o senhor mais gosta de viajar?*
- (21) Gerúndio (MS está enumerando as 5 ex-esposas. A terceira morava em Londres, a quarta ele conheceu no avião)  
 MS: *Depois↓ vindo pra cá↓(olha para o lado, como se alguém estivesse sentado ali) Chorando?*  
 Ilk: *no aeroporto?*  
 MS: *não, no avião.*
- (22) Sem verbo (MS escrevia sinopses de filmes e lhes dava uma pontuação de 0 a 5. Ilk havia perguntado se algum filme tinha recebido nota máxima e a resposta foinegativa. Irn estimulou MS a contar para Ilk por que ele era tão exigente comos filmes que assistia no cinema)  
 MS: *Eu* (4 seg.) *di::re::TOR de cinema.*  
 Ilk: *A:::h, você era diretor de cinema!*

Pode-se argumentar que o uso de imperativos nos telegramas (e infinitivos que funcionam como imperativos) é condicionado pelo gênero telegrama e que, portanto, não são esperados na fala agramática. Contudo, pode-se observar o forte emprego de verbos na forma infinitiva na fala agramática em holandês (ver KOLK; VAN GRUNSVEN, 1985; KOLK; HELING; KEYSER, 1990; KOLK; HEESCHEN, 1992; TESAK, 1994; TESAK; NIEMI, 1997; KOLK, 2001a, b, 2006), possibilitando assim uma aproximação direta entre telegramas e a fala agramática em holandês. Assim pode-se entender a analogia direta que os holandeses (dentre eles, formuladores da Teoria da Adaptação) fazem entre a fala agramática e o “estilo telegráfico” no âmbito da Teoria da Adaptação.

Observemos, a seguir, outro fator que diferencia os telegramas da fala agramática.

### Ordem das palavras nos telegramas e na fala agramática

Na fala de MS, o planejamento simplificado das sentenças resulta numa ordem de palavras diversa da ordem canônica da língua portuguesa (S V O + adjuntos), ao passo que, nos telegramas, os elementos que não foram apagados são mantidos na ordem canônica.

Quando o núcleo da *T-phrase* for um verbo no imperativo ou infinitivo, não há qualquer elemento ocupando a posição de sujeito. A ordem Verbo – Objeto (doravante

VO) é a ordem prevista pela gramática da língua portuguesa para verbos que não aceitam sujeitos. Os dois únicos verbos usados no gerúndio nos telegramas igualmente apareceram sem sujeito, mantendo a ordem canônica das palavras, a saber, VO:

(23) Liberando-me prisão.

(24) Voltando Bolívia.

Os verbos usados no particípio (que, neste contexto, sem o verbo auxiliar, poderiam ser categorizados também como adjetivos) apareceram nos telegramas com apenas um argumento, expresso ou na morfologia do verbo, como em (25), ou no substantivo que precede o verbo no particípio, como em (26). Seja como for, a ordem das palavras é (S) V (+ adjunto):

(25) Presa trabalho.

(26) Vôo cancelado.

Houve duas ocorrências de sujeitos preenchidos nos telegramas: *Eu preso Bolívia* e *Eu preso fronteira*. Estas foram as duas únicas instâncias em que o pronome de primeira pessoa do singular foi empregado nos telegramas (contra 25 na fala de MS).

Os adjuntos de tempo, espaço e modo estão sempre dispostos à direita do verbo. Esta ordem não é alterada em qualquer *T-phrase*, exceto uma:

(27) Noite emprestem meu carro namorada.

As relações genitivas são expressas na ordem canônica, com ou sem a presença de preposições. Note-se que, nos telegramas, a falta de preposições (introduzindo objetos indiretos, adjuntos, ou ligando substantivos que deveriam estar numa relação genitiva) é a maior causa de estruturas não previstas pela gramática da língua portuguesa:

(28) Chaves samambaia porta entrada.

Até o momento, todas as orações (exceto aquela apresentada em (27)) respeitam a ordem SVO + adjuntos. Ademais, se considerarmos unidades maiores que a *T-phrase*, por exemplo, uma sentença, nos deparamos com uma única ocorrência de tópico-comentário:

(29) **Texto:** posso entregá-lo semana que vem?

A língua portuguesa oferece uma forma alternativa de arranjar os elementos de uma sentença: construções de tópico (CTs). Esta estratégia sintática dá relevo à informação veiculada pela sentença: ou o tópico anuncia o assunto tratado no comentário, ou cria uma moldura (o que a Linguística Cognitiva chama de *frame*) para a sentença do comentário (VERSLUIS; KLEPPA, 2016). A estrutura de tópico-comentário tem ganhado visibilidade na literatura sobre Linguística em língua portuguesa a partir de Pontes (1987) e está paulatinamente ganhando sua devida atenção, como podemos notar nos trabalhos de Perini (1995), Abreu (2003), Belford (2006) e Kleppa (2014).

Segundo Jacobs (2001), a principal característica de tal estrutura é a separação formal entre o tópico e o comentário. Qualquer elemento linguístico – exceto um SV em que o verbo esteja flexionado – pode figurar como tópico, e assim os graus de integração

sintática do tópico com o comentário são variáveis. Num extremo de mínima integração sintática, a relação entre o tópico e o comentário precisa ser feita pela via semântica ou discursiva. Este tipo de construções em que não há relações sintáticas explícitas entre o tópico e o comentário é chamado de *hanging topics* por autores como Jacobs (2001) e Maslova e Bernini (2006), e é o tipo de CT mais recorrente (64% dos enunciados) na fala de MS:

- (30) (Irn sugeriu que MS fizesse perguntas a Ilk. MS sabia que Ilk tinha família na Alemanha)
- MS: *moa ... namorado.*  
 Ilk: *tenho.*  
 Irn: *mas, vamo lá, pergunta pra ela.*  
 MS: *Namorado*↓ (3seg.) *aqui*↑ *ou lá*↓  
 Ilk: *Lá, aonde?*  
 MS: *Germany*

É de se notar que a própria estrutura dos *hanging topics* é facilitadora da fala reduzida, porque os elementos (preposição, verbo auxiliar, cópula) que ligam o tópico ao comentário estão ausentes.

Identificamos uma grande maioria de sintagmas nominais (ver Tabela 3) assumindo a posição de tópico na fala de MS. Não acreditamos que nas CTs de MS ocorra um movimento de elementos (objeto movido para a esquerda), ou uma simples inversão de elementos da sentença, porque, segundo a Teoria da Adaptação, justamente operações deste tipo são complicadas para sujeitos cérebro-lesados. Em (31), não podemos dizer que a preposição foi elidida, porque partimos do pressuposto de que ela não foi nem mesmo planejada:

- (31) Ilk: *Conhece a América Latina toda?*  
 MS: *não. Colômbia*↑ *Fui.*  
 Ilk: *conhece.*

Assim como não admitimos que a estrutura acima seja resultado de operações de movimento, não podemos falar em inversão na estrutura:

- (32) (Contando da terceira esposa)
- MS: *eu casei com ela.*  
 Ilk: *mh*  
 MS: *Filhos*↑ *dois.*  
 Ilk: *teve dois filhos com ela.*

A ordem esperada dos constituintes de um sintagma nominal é DET + N, mas esta não é a ordem que aparece no dado acima. A entonação ascendente depois do primeiro constituinte indica uma quebra, de modo que podemos interpretar a construção em (32) como sendo uma construção de tópico-comentário. *Filhos* faz referência ao assunto que MS vai abordar e *dois* é um comentário sobre esta entidade no mundo.

Por vezes, a estrutura de tópico-comentário extrapola os limites da sentença na fala de MS:

- (33) (MS contou que vai no cinema toda sexta-feira, independente do filme que estiver passando)
- MS: *A ah ah mh... ah ah ah amh....am ah ah ahm. A MOça.*  
 Ilk: *mh*  
 MS: *mh (estica a mão com o punho fechado na direção de LK)*  
 Ilk: *a Helô.*

MS: *não. (aponta para a sinopse do filme)*  
 Ilk: *da entrada*  
 MS: *isso.*  
 Ilk: *ah*  
 MS: *(faz cara feia) Mh! Não gosto de:: ver. Eu dicuto com ela.*  
 Ilk: *Ela não gosta de ver, mas o senhor vai pra ver todos os filmes.*

Em (33), o tópico *a moça* (cujo referente teve de ser negociado entre os participantes do diálogo) anuncia a pessoa que disse *Eu não gosto de ver*. De todo modo, é interessante notar que os tópicos identificados na fala de MS podem introduzir discursos diretos.

**Tabela 3: Ordem das palavras nas estruturas de tópico-comentário de MS**

Tópico	Comentário				
	SN	SV	SA	SP	Interjeição
49	23	13	4	1	2
SA	SN	SV			
2	1	1			

Sistematizando as estruturas de tópico-comentário de MS, obtemos a configuração demonstrada na Tabela 3, em que podemos inferir que um sintagma nominal (SN) pode ser tópico para qualquer tipo de construção que ocupe a posição de comentário.

Exemplos de cada uma das constelações identificadas na fala de MS são:

- (34) SN +SN  
 Ilk: *África, o senhor conhece?*  
 MS: *(leva a mão à testa) m::h Á::frica do:: Sul (4 seg.)*  
**Medo**↓  
 Ilk: *A:::h, é perigoso, lá.*
- (35) +SV  
 MS: *eu ... Vietnã (faz sinal de OK) mara/*  
 Ilk: *é bonito, lá?*  
 MS: *não. Guerra.*  
 Ilk: *mh.*  
 MS: *pizina*  
 Ilk: *piscina?*  
 MS: *isso. Piscina*↓ (10 seg.) **Vou nadar** (mostra a cicatriz no braço)  
 Ilk: *pele? Braço?*  
 MS: *não! (faz um gesto de corte)*  
 Ilk: *cortou.*  
 Irn: *você foi na época da guerra pra lá?*  
 MS: *isso, isso.*
- (36) +SA (MS e Ilk estão olhando no mapa, que auxilia MS a lembrar dos nomes dos países que visitou)  
 MS: **NE::pal** (2 seg.) **Legal**↓  
 Ilk: *Uau. Tem muita montanha aqui, não tem?*
- (37) +SP  
 Irn: *conta o que você fazia*  
 MS: **Eu** (3 seg.) **na televisão.**

(38)		+Interj.	Ilk: <i>você vai [ao cinema] sempre sozinho?</i> MS: <i>sozinho. Não. Motorista↓ (acena) TchA:::::u!</i> Ilk: <i>mh hm.</i>
(39)		+Sent.	MS: <i>África do Sul↓ (3 seg.) Iêmem↓ (4 seg.) Argélia↓ Eu não gostei de nada.</i> Ilk: <i>nadinha?</i> MS: <i>miséria.</i>
(40)	SA	+SN	(MS está contando das ex-exposas) MS: <i>(mostra dois dedos) ah. De::po::is↑ Marta→</i> Ilk: <i>Marta. A terceira.</i>
(41)		+SV	<b>Depois↓ vindo pra cá↓</b> (ver exemplo (21))

## Conclusão

Esperamos ter ficado claro que, apesar de haver semelhanças pontuais entre o estilo telegráfico (característico de telegramas) e a fala agramática, a metáfora do estilo telegráfico não se aplica diretamente à fala agramática. Uma primeira barreira é imposta pela própria natureza dos dois registros: enquanto os telegramas são escritos, a linguagem agramática analisada aqui é falada. Os dois registros recorrem a estratégias comunicativas completamente diferentes, por exemplo, a pontuação, os símbolos e as assinaturas encontrados nos telegramas e as pausas, curvas entonacionais, qualidade de voz e os gestos faciais e corporais encontrados nos dados de agramatismo. Na escrita, o tempo de produção não foi controlado, ao passo que, na interação face a face, a pressão temporal sobre os interlocutores se faz presente.

Outra disparidade entre os dois registros examinados aqui são as motivações para escrever telegramas e manter uma conversação. Enquanto os telegramas são pedidos de socorro (situações 2, 3 e 4), pedido de prorrogação de prazo (situação 1) e avisos (situações 5 e 6), MS e suas interlocutoras conversaram em tom informal sobre vários assuntos que foram surgindo durante o diálogo. O gênero discursivo telegrama exige que se faça uso de elipses, já que sentenças completas custariam caro. Dessa maneira, é esperado que o telegrama seja elíptico. Em contrapartida, o sujeito agramático é um falante, e é esperado de falantes que produzam sentenças completas, não elípticas (exceto quando houver respostas diretas a perguntas do interlocutor, repetições de palavras, reformulações e marcas conversacionais). Segundo a Teoria da Adaptação, a grande dificuldade do sujeito agramático é a operação simultânea de computações sintáticas no tempo normal de fala, e por isso ele se adapta às suas dificuldades, recorrendo a um planejamento simplificado da fala, que tem como resultado o que descrevemos como fala reduzida.

Vimos que, em princípio, a não-finitude do verbo é um fator que diferencia tanto a fala agramática como os telegramas da fala constituída, ou “normal”. Em detalhe, observamos que a não-finitude se manifesta de maneiras diferentes em diferentes línguas: em holandês, tanto os telegramas como a fala agramática apresentam alta recorrência de verbos não-finitos (na forma infinitiva); ao passo que, em português, a tendência é que na fala agramática a recorrência de sintagmas sem verbos seja maior, enquanto os telegramas privilegiam verbos não-finitos (e em segundo lugar verbos finitos).

Assim chegamos a uma última diferenciação entre os telegramas e a fala agramática: a ordem dos constituintes (canônica nos telegramas e tópico-comentário na fala agramática) aponta para a conclusão de que há um apagamento de palavras nos telegramas, ao passo que na fala agramática ocorre um planejamento simplificado (e em outra ordem que a canônica) dos enunciados. A partir do estudo da ordem das palavras podemos concluir que o sujeito agramático recorre a estruturas permitidas na língua (tópico-comentário), ao passo que muitas construções encontradas nos telegramas não estão previstas na língua.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. *Gramática mínima: para o domínio da língua padrão*. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.
- BAKHTIN, M. O enunciado, a unidade da comunicação verbal. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 289-327.
- BELFORD, E. de M. *Topicalização de objetos e deslocamento de sujeitos na fala carioca: um estudo sociolingüístico*. 2006. 91 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- COUDRY, M. I. H. Linguagem e afasia: uma abordagem discursiva da neurolinguística. *Caderno de Estudos Linguísticos*, v. 42, p. 99-130, 2002.
- COUDRY, M. I. H. et al. (Orgs.). *Caminhos da Neurolinguística Discursiva: teorização e práticas com a linguagem*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.
- HAARMANN, H.; KOLK, H. A computer model of the temporal course of agrammatic sentence understanding: the effects of variation in severity and sentence complexity. *Cognitive Science*, v. 15, p. 49-87, 1991.
- HEESCHEN, C.; KOLK, H. Adaptation bei Aphatischen Störungen. *Zeitschrift für Literatur-wissenschaft und Linguistik*, v. 18, n. 69, p. 41-54, 1988a.
- \_\_\_\_\_. Agrammatism and Paragrammatism. *Aphasiology*, v. 2, p. 299-302, 1988b.
- HOFSTEDDE, B. T. M. *Agrammatic speech in Broca's aphasia: strategic choice for the elliptical register*. 1992. 121 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Radboud Universiteit Nijmegen, Países Baixos, 1992.
- JACOBS, J. The dimensions of topic-comment. *Linguistics*, v. 39, p. 641-681, 2001.
- KLEPPA, L.-A. Estruturas de tópico-comentário na fala reduzida de um sujeito afásico. *Revista Estudos Linguísticos*, v. 43, n. 2, p. 926-939, 2014.
- KOLK, H. A Time-Based Approach to Agrammatic Production. *Brain and Language*, v. 50, p. 282-303, 1995.
- \_\_\_\_\_. Syntactic impairment is the bottle-neck to communication in nonfluent aphasia. *Aphasiology*, v. 15, p. 381-385, 2001a.
- \_\_\_\_\_. Does agrammatic speech constitute a regression to child language? A three-way comparison between agrammatic, child and normal ellipsis. *Brain and Language*, v. 77, n. 3, p. 340-351, 2001b.

\_\_\_\_\_. How Language Adapts to the Brain: An Analysis of Agrammatic Aphasia. In: PROGOVAC, L.; PAESANI, K.; CASIELLES, E.; BARTON, E. (Orgs.). *The Syntax of Nonsententials. Multidisciplinary perspectives. Linguistik Aktuell*, v. 93, p. 29-258, 2006.

KOLK, H.; HEESCHEN, C. Review. Adaptation symptoms and impairment symptoms in Broca's aphasia. *Aphasiology*, v. 4, p. 221-231, 1990.

\_\_\_\_\_. Agrammatism, Paragrammatism and the Management of Language. *Language and Cognitive Processes*, v. 7, n. 2, p. 89-129, 1992.

KOLK, H.; HEILING, G.; KEYSER, A. Agrammatism in Dutch: Two Case Studies. In: MENN, L.; OBLER, L. (Orgs.). *Agrammatic Aphasia: A Cross-language Narrative Sourcebook*. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam/ Philadelphia, 1990. p. 179-280.

KOLK, H.; VAN GRUNSVEN, M. J. F. Agrammatism as a variable phenomenon. *Cognitive Neuropsychology*, v. 2, p. 347-384, 1985.

MASLOVA, E.; BERNINI, G. Sentence topics in the languages of Europe and beyond. In: BERNINI, G.; SCHWARTZ, M. L. (Eds.). *Pragmatic organization of discourse in the languages of Europe*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2006. p. 67-120.

MORATO, E. M. (Org.). *Sobre as afasias e os afásicos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: MORATO, E. M. (Org.). *A semiologia das afasias: perspectivas linguísticas*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 9-21.

NOVAES PINTO, R. do C. *Agramatismo: uma contribuição para o estudo do processamento normal de linguagem*. 1992. 173 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

\_\_\_\_\_. A adoção de conceitos bakhtinianos para a análise de linguagem de sujeitos afásicos. *Lingua(gem)*, v. 1, n. 1, p. 111-147, 2004.

\_\_\_\_\_. Cérebro, linguagem e funcionamento cognitivo na perspectiva sócio-histórico-cultural: inferências a partir do estudo das afasias. *Letras de Hoje*, v. 47, n. 1, p. 55-64, 2012.

PERINI, M. A. *Gramática Descritiva do Português*. São Paulo: Ática, 1995.

PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Editora Pontes, 1987.

STARK, J. A.; DRESSLER, W. U. Agrammatism in German: Two Case Studies. In: MENN, L.; OBLER, L. (Eds.). *Agrammatic Aphasia: A Cross-language Narrative Sourcebook*. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam/ Philadelphia, 1990. p. 281-442.

TESAK, J. Dutch telegraphese. *Linguistics*, v. 32, p. 325-344, 1994.

TESAK, J.; DITTMANN, J. Telegraphic style in normals and aphasics. *Linguistics*, v. 29, p. 1111-1137, 1991.

TESAK, J.; NIEMI, J. Telegraphese and agrammatism: a cross-linguistic study. *Aphasiology*, v. 11, p. 145-157, 1997.

VERSLUIS, C.; KLEPPA, L.-A. The use of interactive structures as communicative strategy in Dutch and Portuguese aphasic speakers. In: PASCUAL, E.; SANDLER, S. (Eds.). *The conversation frame: forms and functions of fictive interaction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2016. p. 323-342.

**Recebido em:** 29/08/2017

**Aprovado em:** 02/04/2018